É preciso dissipar o clima de resignação da esquerda global | Carta semanal 46 (2026)



Batjargal Baatarzorig (Mongólia), *Nômades*, 2014.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

No início deste ano, o eixo político parecia estar favorável à **extrema direita de um tipo especial** e suas ambições **hiperimperialistas**. Os Estados Unidos, liderados pelo presidente Donald Trump, conduziram uma **blitzkrieg** contra a Venezuela, sequestraram o presidente Nicolás Maduro e sua esposa, a deputada Cilia Flores, mantendo-os presos ilegalmente em Nova York e, na prática, entregando o petróleo do país a corporações multinacionais estadunidenses. Cerca de dois meses depois, os Estados Unidos e Israel iniciaram uma **guerra de agressão** contra o Irã, que parecia repetir a história da Venezuela. Contudo, os ataques

iranianos contra bases militares estadunidenses no Golfo Pérsico e contra Israel transformaram o equilíbrio global de forças e expuseram os limites do poder militar do hiperimperialismo.

Após o ataque militar à Venezuela, a ambição de Trump de tomar todos os países da América Latina pareceu estender-se ao mundo. Mas a retaliação do Irã o fez retornar à América Latina, onde concentrou seus esforços em fomentar a **Onda de Raiva**. As eleições na Costa Rica, no Peru e na Colômbia deram vitórias à extrema direita, cujo verdadeiro objetivo sempre foi o Brasil – o maior país da América Latina, com uma área territorial equivalente à metade da América do Sul. Após o primeiro turno das eleições, em 4 de outubro, parecia que o candidato da extrema direita, Flávio Bolsonaro, derrotaria o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No entanto, milhões de pessoas se mobilizaram para impedir esse resultado no segundo turno, em 25 de outubro, e **Lula saiu vitorioso**. Sua vitória estabelece uma linha defensiva social-democrata crucial contra a Onda de Raiva na América Latina. Uma vitória de Bolsonaro teria encorajado as forças reacionárias do continente e dado confiança a correntes neonazistas muito além do Brasil. Impedir esse resultado foi de extrema importância. Espaço democrático, instituições públicas e proteções sociais são condições materiais para a organização da classe trabalhadora. Sua defesa não pode ser descartada como uma distração da luta pelo socialismo.



Osmond Watson (Jamaica), *Vida da cidade*, 1968.

A vitória de Lula coincidiu com mobilizações massivas na **Índia** e na **Europa** contra a austeridade e por justiça social. Esses acontecimentos têm histórias e possibilidades diferentes, mas, em conjunto, exigem que reconsideremos o clima de resignação que se instalou em grande parte da esquerda global. No início de novembro, o foco das possibilidades deslocou-se para os Estados Unidos, onde o Partido Republicano de Trump sofreu uma derrota decisiva nas eleições de meio de mandato. Essa derrota frustrou as ambições do hiperimperialismo estadunidense, já que aprofundou as divisões dentro das instituições por meio das quais o poder dos EUA opera. Disputas sobre orçamentos, investigações e autoridade política irão complicar a liberdade de manobra do governo.

Essas fissuras criam oportunidades de luta, especialmente porque agora haverá oito membros do Congresso dos EUA filiados aos Democratas Socialistas da América. A idade média desses representantes é de 38 anos (a mais jovem, Melat Kiros, tem 29 anos e o mais velho, Chris Rabb, tem 56). Caso se alinhem ao hábito da liderança do Partido Democrata de promover guerras e austeridade, esses membros enfrentarão pressão de forças populares que podem transformar o cansaço da população com a guerra em reivindicações contra as instituições e os interesses que a sustentam.



Dominique Zinkpè (Benin), *Sem título*, 2011.

Na África do Sul, o Partido Comunista da África do Sul (PCAS) disputou eleições democráticas de forma independente pela primeira vez desde 1994. O PCAS superou suas próprias expectativas, recebendo mais de **700 mil votos** e conquistando mais de 260 cadeiras em todo o país. O fato de o partido da classe trabalhadora ter se afirmado eleitoralmente é um ato político de suma importância. O **manifesto** do Partido vincula eletricidade, emprego, moradia e água a questões de propriedade, capital e poder. A intervenção eleitoral do PCAS ajudou a criar **espaço político** para uma esquerda africana que une emancipação social à soberania nacional e não se envergonha de se posicionar ao lado das aspirações anti-imperialistas expressas na **Aliança dos Estados do Sahel**, inclusive por meio do presidente de Burkina Faso, Ibrahim Traoré. Tal solidariedade exige engajamento político e discernimento independente.

O levante de estudantes e trabalhadores está ganhando força na Índia e se espalhando por outras partes da Ásia e da África, à medida que comunidades oprimidas sentem a oportunidade. O exemplo do Brasil permeia esses encontros: demonstra que a extrema direita pode ser derrotada. Esse fato importa para pessoas cansadas da repressão e por repetidas decepções. A confiança se torna uma força concreta quando o conhecimento da vitória de Lula leva uma nova pessoa a uma reunião, convence um local de trabalho a se organizar ou sustenta uma aldeia durante mais uma difícil semana de luta.

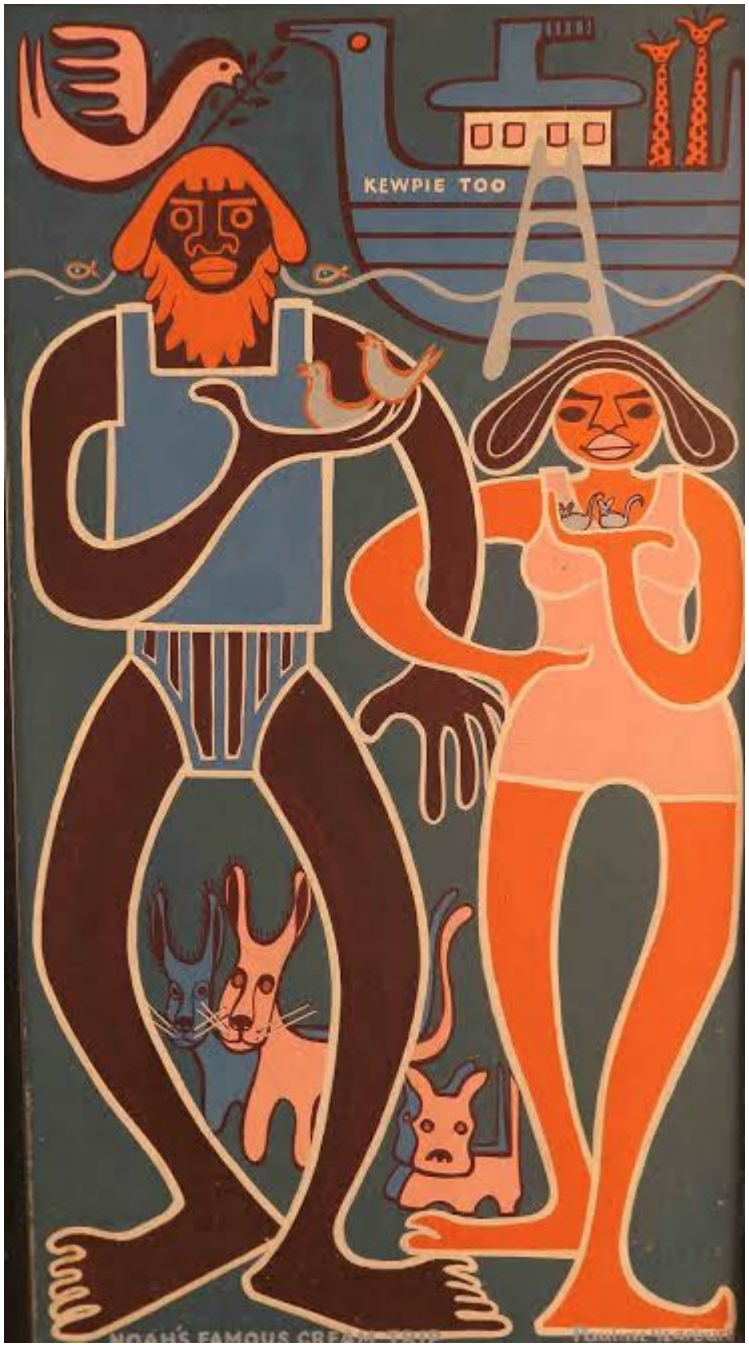


Ivan Sagita (Indonésia), *Será que é tão simples e fácil assim?*, 2014.

Há anos, temos deixado claro que as condições objetivas favorecem a esquerda muito mais do que a direita. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) publicou um relatório importante intitulado "**Um mundo de dívida 2026**", que demonstra que os países em desenvolvimento pagaram 995 bilhões de dólares em juros líquidos sobre a dívida pública em 2025. Em muitos países em desenvolvimento, que abrigam 3,7 bilhões de pessoas, os pagamentos de juros da dívida superam os gastos com educação (em 20 países) ou saúde (em 46 países), com muitos países se enquadrando em ambas as categorias. Esses números descrevem uma hierarquia de prioridades imposta pelo poder do capital financeiro. Os credores exigem pagamento enquanto crianças em nossos países frequentam salas de aula sem professores e

pacientes sofrem sem medicamentos. Se os países em desenvolvimento tomassem empréstimos a taxas disponíveis para os países desenvolvidos, a Unctad estima que economizariam cerca de 500 bilhões de dólares anualmente. Os países que mais precisam de investimentos enfrentam custos mais elevados para obtê-los e, em seguida, devem reduzir justamente os gastos que poderiam melhorar as condições de vida e fortalecer a capacidade produtiva.

O relatório **Perspectivas da Economia Mundial** de outubro de 2026, do Fundo Monetário Internacional, registra alguns desses fatos e, em seguida, insta os governos a fornecerem auxílio de renda temporário e direcionado durante crises de custo de vida. Um pagamento temporário é necessário, mas insuficiente. A humanidade precisa de sistemas públicos que possam garantir bens essenciais, direcionar investimentos e reduzir a dependência de mercados voláteis. Mesmo os **liberais mais radicais** não conseguem abordar essas questões, pois defendem uma estrutura econômica que subordina a provisão pública à acumulação privada e, em seguida, expressam perplexidade quando suas vítimas perdem a confiança nas instituições que a administram. Nesse ponto, pedem às pessoas que defendam a democracia, embora tenham restringido as escolhas econômicas que a democracia pode fazer. A extrema direita preenche essa lacuna com uma falsa rebelião. Ela direciona a raiva contra migrantes, minorias, mulheres e a esquerda, enquanto protege o poder daqueles que detêm os bancos, as terras e as maiores corporações.



Pauline Kahurangi Yearbury (Aotearoa), *A Famosa Viagem de Noah ao Creme*, 1966.

Durante anos, questionamos por que a classe trabalhadora tende à extrema direita e o que a esquerda deve fazer para reunir suas forças e oferecer uma alternativa. Os trabalhadores não são permanentemente reacionários nem automaticamente revolucionários. Nossa direção política se desenvolve por meio da luta, das organizações disponíveis e da nossa experiência sobre se a ação coletiva pode transformar nossas vidas.

Reunir nossas forças, portanto, assume um significado concreto, que começa com a articulação de sindicatos e organizações camponesas, plataformas de mulheres e grupos de jovens, movimentos dos oprimidos e dos desalentados. Essas forças, por vezes escondidas em cantos inesperados do mundo, precisam umas das outras. Precisam também de uma avaliação que vá além do derrotismo e nos mostre como o mundo está, de fato, em

movimento. É isso que a **Assembleia Internacional dos Povos (AIP)** vem construindo, e é sobre isso que o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social estuda e escreve. Assine a **newsletter da AIP** e nossa **carta semanal**. Se você faz parte de um movimento, **escreva para a AIP** para descobrir como se envolver em suas campanhas globais.



Gazbia Sirry (Egito), *A pipa*, 1960.

Temos construído uma análise que visa um programa de esquerda. Começa no presente, com um programa robusto para melhorar a vida do povo e defender as conquistas sociais. Em seguida, desenvolve-se em direção a um futuro socialista, alicerçado em forças produtivas reforçadas pelo planeamento democrático. O que nos é claro é que, qualquer que seja o programa, a paz e o anti-imperialismo devem estar no seu centro. A guerra destrói as capacidades produtivas, aumenta o custo de vida e desvia recursos do desenvolvimento humano. Além-fronteiras, estas lutas exigem a cooperação entre movimentos e governos dispostos a desafiar os privilégios dos credores e a coerção do poder imperial.

Não existe uma fórmula eleitoral única para este trabalho. Em um determinado país, uma ampla aliança pode ser necessária para bloquear a extrema direita. Em outro, a intervenção comunista independente pode tornar-se essencial para restaurar a voz da classe trabalhadora. O teste é se uma tática **fortalece a organização popular e amplia a capacidade de ação** para além da próxima eleição. As alianças devem ser avaliadas pelas forças sociais que se mobilizam, pelos compromissos que asseguram e pelo espaço que criam para futuras lutas. O nosso internacionalismo deve tornar essas experiências acessíveis uns aos outros, sem a pretensão de que o Brasil ofereça um modelo pronto para a Índia, ou que as escolhas da África do Sul podem ser copiadas em todo um continente moldado por histórias distintas de libertação e lutas inacabadas pelo poder de classe. Nenhuma das oportunidades apresentadas garante um avanço. Cada uma impõe uma responsabilidade às forças organizadas. A questão é se a esquerda conseguirá transformar o alívio em confiança, a confiança em organização e a organização em poder duradouro. O mundo está em movimento. Devemos nos mover com o nosso povo, levando consigo um programa que lhe represente.

Com isso em mente, aqui está um pequeno poema meu para vocês, chamado “Um Século, uma Luta”:

> Das minas e usinas, dos campos de cana,
> Eles vieram para quebrar o domínio do ouro,
> Para reivindicar o pão, para acabar com a dor,
> E construir um mundo que nenhuma coroa pudesse conter.
>
> Cem anos: as bandeiras tremularam,
> Mas a dívida ainda prende as mãos que semeiam.
> O fruto é deles, a semente é nossa.
> Nossos filhos passam fome onde as colheitas crescem.
>
> Nenhum trono dará ao mundo o seu pão.
> Nenhuma bomba pode ensinar a semente a florescer.
> Marchamos com aqueles que sonharam e sangraram
> Para dar espaço às nações que ainda não nasceram.

Cordialmente,

Vijay